

## BREXIT E GLOBALIZAÇÃO

Roberto Rodrigues\*

As consequências da saída do Reino Unido da União Europeia ainda não estão perfeitamente identificadas e medidas. A soberana decisão do povo inglês não foi uma completa surpresa, mas criou uma perplexidade estonteante no Velho Continente e no mundo: simplesmente não queria ser governado, por um Conselho Europeu que não elegeu.

Que vai acontecer em seguida? Outros países pensarão em sair também, seguindo a solução britânica? Farão consultas populares? Como fica a situação da Escócia? Ninguém sabe.

Alguns reflexos - ainda muito inconsistentes - podem orientar outras nações do bloco para além das muitas incertezas. Por exemplo: as empresas sediadas na Grã-Bretanha terão ainda acesso garantido aos demais cidadãos europeus? Ou os governos dos países remanescentes criarão dificuldades para isso, até mesmo para desestimular outras defecções?

O fato real é que a libra esterlina já perdeu valor, bem como as ações no mercado. Como vai ficar a taxa de câmbio? E os juros? O fluxo de capital para o Reino Unido vai diminuir? Se isso acontecer, como será financiado seu déficit em conta corrente? Quem perde mais com isso? O consumo deverá cair, freando a produção e até o comércio? Tantas questões intrigantes!

Mas afinal, o que está mesmo por trás dessa confusão toda? Alguns analistas têm afirmado que no fundo o que existe é um medo difuso da globalização, porque esta implica maior concorrência e, portanto, mais insegurança. Com isso, sociedades inteiras preferem combater o imigrante ou trabalhador estrangeiro que poderia estar tomando seus empregos. Esquecem-se de que é na competição que a prosperidade beneficia a todos, não no protecionismo. Lembro-me bem de como, no começo das discussões sobre o Mercosul, havia um medo da concorrência com os agricultores argentinos, e agora está claro que essa competição estimulou nossa capacidade produtiva: ganhamos mais mercados, investindo mais em tecnologia e gestão nas cadeias produtivas do agro.

Seja o que for, hoje é impossível um país se isolar do resto do mundo, e é lógico que essa não é a posição do Reino Unido. Mas a Inglaterra demorou 20 anos para se juntar à Comunidade Econômica Europeia e, de certa forma, sempre esteve com um pé atrás em relação ao bloco, para não dizer com uma ponta do pé fora mesmo...

As razões motivadoras para a formação do bloco europeu depois da segunda guerra mundial - principalmente o sofrido tema da segurança alimentar - já não existem mais. Mas não existem exatamente porque o bloco cumpriu seus objetivos com eficiência, e também por causa da famigerada globalização. E mais: muitos países da antiga Cortina de Ferro, adversários da Europa Ocidental na guerra, acabaram entrando na UE, foram beneficiados por ela e a beneficiaram.

A realidade do mundo atual, com migrações em massa, com pobreza que precisa ser erradicada na África, Ásia e Oriente Médio, com radicalismo

religioso e terrorismo, exige de governos e das organizações multilaterais uma nova visão da globalização, com bem estar maior para todos. Não há espaço para privilégios ou brutais diferenças sociais, nem dentro dos países e nem entre os países.

Talvez esse seja o maior legado do Brexit: uma nova globalidade, mais equilibrada e justa.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente do LIDE Agronegócio**